

COLETIVO DE AUTORES: A CULTURA CORPORAL EM QUESTÃO

Marcílio Souza Júnior
Roberta Granville
Ana Rita Lorenzini
Gina Guimarães
Hilda Sayone
Rita Cláudia Ferreira
Eliene Lacerda Pereira
Deise França
Marcelo Tavares
Rosângela Cely Lindoso
Fábio Cunha de Sousa

RESUMO

Coletivo de Autores é a denominação dada aos seis autores do livro Metodologia do Ensino da Educação Física, publicado em 1992, pela editora Cortez. Esse livro tem se tornado uma referência importante no campo da produção do conhecimento em Educação Física, configurando-se como leitura imprescindível aos que atuam com a Educação Física escolar. Esse texto, inserido numa pesquisa mais ampla acerca da obra, focaliza uma reflexão acerca da categoria cultura corporal e traz um diálogo com a literatura e com as entrevistas realizadas com os autores, particularmente refletindo acerca do objeto de estudo da Educação Física escolar na perspectiva crítico-superadora. Palavras-chave: Escola. Educação Física. Cultura Corporal.

RESUMEN

Colectivo de Autores es el nombre dado a los seis autores del libro Metodología de la Enseñanza de la Educación Física, publicado en 1992 por editorial Cortez. Este libro se ha convertido en una referencia importante en el ámbito de la producción de conocimientos en Educación Física, en sí misma como una lectura esencial para quienes trabajan con la Escuela de Educación Física. Este texto, inserta en un contexto más amplio de investigación sobre el trabajo, la discusión se centra en la categoría cultura cuerpo y trae un diálogo con la bibliografía y las entrevistas con los autores, lo que refleja sobre todo en el estudio de la Educación Física en la escuela en una perspectiva crítico-superadora.

Palabras clave: Escuela. Educación Física. Cultura Cuerpo.

ABSTRACT

Collective of Authors is the name given to the six authors of the book called The Teaching Methodology in Physical Education, published in 1992 by Cortez Publishing Company. This book has become an important reference in the field of Physical Education's knowledge formation, setting itself as essential reading to the ones who work with Physical Education at Schools. This text focuses a reflection regarding the corporal culture category, inserted in a deep researching discussion, and brings a

dialogue with bibliography and by the interviews made from the authors, particularly reflecting as per the study object of Physical Education at School with a critical and overcoming perspective.

Keywords: School. Physical Education. Corporal Culture.

INTRODUÇÃO

O livro Metodologia do Ensino da Educação Física, assinado por um coletivo de autores¹ e editado pela Cortez está prestes a completar sua maioridade, considerando a data de publicação de sua primeira edição.

Tal obra se configurou, a partir da década de 90, como uma referência de fundamental importância para o âmbito da Educação Física escolar. O Coletivo de Autores, como é comumente conhecida esta obra, tornou-se indicação constante em concursos públicos para cargos de professores em redes oficiais de ensino público, subsidiou diretamente elaboração de propostas pedagógicas para redes de ensino municipais, estaduais e federais no Brasil e tem sido referência em muitas das produções acerca da Educação Física escolar numa perspectiva crítica.

Seus autores deram continuidade às suas produções acadêmicas e poucas vezes voltaram a se unir em torno desta obra de maneira presencial e mais sistematizada. Inclusive alguns deles, ainda que mantenham os fundamentos dessa em suas ações e publicações, focalizaram seus estudos para outra dimensão da área da Educação Física. No entanto, o livro continua sendo referência central para a formação inicial e continuada de profissionais de Educação Física, tornando-se, poderíamos dizer, uma leitura imprescindível, um clássico da área, para aqueles que atuam na Educação Física escolar.

METODOLOGIA

O presente trabalho é uma síntese de parte da pesquisa “Coletivo de Autores: a Cultura Corporal em questão”.

Colocar em *questão* essa obra não significou colocá-la em cheque e sim tomá-la como elemento de apreciação, como objeto de pesquisa e reflexões diante de uma investigação científica. Tal pesquisa configurou-se como uma releitura da obra, mas não com a idéia de negação e abandono e sim com o intuito de analisar criticamente limites e possibilidades teórico-metodológicas da perspectiva crítico-superadora para Educação Física escolar, fundamentada no livro de Coletivo de Autores.

Nessa, que se constituiu numa pesquisa qualitativa com trabalho de campo, bibliográfico e documental, utilizamos, como procedimentos para a coleta de dados empíricos, a entrevista, realizada com os seis autores da obra (LUDKE E ANDRE, 1986). E como procedimentos para o tratamento dos dados a análise de conteúdo do tipo categorial temática (BARDIN, 1988).

No entanto, para esse texto, focalizamos o estudo acerca de uma categoria temática, a *cultura corporal*, refletindo acerca de sua genealogia e de sua compreensão na obra e mais particularmente entre os próprios autores do livro.

No estudo, nos referimos aos seis autores do livro de duas formas distintas, demonstrando sempre o cuidado que temos, tanto pela ética na pesquisa, quanto pelo respeito acadêmico e carinho pessoal a seus elaboradores e à obra em si. Como

¹ Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Michele Ortega Escobar e Valter Bracht.

entrevistados, quando dialogamos com suas falas, usamos, com a devida autorização dos mesmos, o nome próprio desses, indicando seu primeiro nome. No entanto, por vezes usamos conteúdos de elaborações escritas dos seis autores, como referência bibliográfica e, nesse caso, usamos o sobrenome, como exige a ABNT.

A CULTURA CORPORAL EM QUESTÃO

No momento da publicação do livro, o Coletivo de Autores (1992, p. 50) afirmou:

No presente trabalho, provisoriamente, diremos que a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.

Nesse trecho a discussão era remetida à proposta oficial para o ensino da Educação Física na rede pública estadual de Pernambuco (PERNANBUCO, 1989) e a Valter Bracht, num texto publicado na Revista de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM)².

Nessa perspectiva da reflexão da cultura corporal, a expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos na escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 42).

A Expressão Corporal como Linguagem, configurada como o geral na Cultura Corporal, é apresentada como o objeto de estudo da Educação Física na escola, compondo o corpo de conhecimento que lhe é específico, cujo papel é, numa visão de totalidade, tratar o singular de cada tema da Cultura Corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A Educação Física na escola, portanto

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38).

² Esse artigo também foi publicado na Revista da Fundação de Esporte e Turismo 1(2): 12-19, 1989.

O que questionamos a partir das citações e reflexões é: qual é o objeto de estudo específico da Educação Física na escola? Inicialmente perguntamos é a Cultura Corporal ou a Expressão Corporal como Linguagem?

Mas continuamos: Cultura Corporal ou Cultura de Movimento? Essa segunda indagação se justifica por que a discussão foi remetida à Pernambuco (1989) e a Bracht (1989).

Na primeira encontramos

A Tematização de Jogos, Dança, Ginástica, e Esporte demanda a compreensão de que o universo de cada uma destas formas da cultura de movimento do homem terá uma diferente expressão quando o sujeito que as cria ou recria se encontra em diferentes e específicos estágios de desenvolvimento (PERNAMBUCO, 1989, p. 9-10)..

No segundo é feita uma discussão terminológica acerca da Educação Física, conformando-a, num sentido restrito, como atividade escolar e, num sentido amplo, como o conjunto das diferentes práticas corporais.

No seu sentido “amplo” tem sido utilizado para designar, inadequadamente a meu ver, todas as manifestações culturais ligadas à ludomotricidade humana, que no conjunto parece-me serem melhor abarcadas com termos como cultura corporal ou cultura de movimento (BRACHT, 1989, p. 13).

Vemos então que essas e tantas outras indagações acerca do objeto de estudo específico da Educação Física poderiam ser feitas. Muitas já foram realizadas, questionando seu estatuto científico: Ciência da Motricidade Humana, Ciência do Movimento Humano, Ciências do Esporte... Ou mesmo sua especificidade pedagógica: Atividade Física, Movimento Humano, Aprendizagem do Movimento, Alfabetização Corporal, Mover-se/Movimentar-se... Não vamos retomar esse debate na área, pois não teríamos competência para tal, não seria possível por um pequeno grupo de autores e muito menos num trabalho desse porte.

Nossa idéia é mostrar que tal discussão não está superada, que nossa maioria, enquanto área de Educação Física, no reconhecimento de sua especificidade, ainda não está solidificada, apesar de, no Brasil, estarmos nesse percurso e construção desde a aparição, na escola, do que hoje chamamos Educação Física.

Fazendo alusão ao conceito jurídico de maioria, cremos que precisamos ser capazes de, cada vez mais, contrairmos obrigações e sermos responsáveis pelas nossas explicações e elaborações acerca da Educação Física escolar. Ter discernimento, com critério, prudência, juízo e tino configura essa maioria, e é o que o Coletivo de Autores (1992) se propôs, ao refletir acerca de nossa especificidade.

Assim passamos a, particularmente, refletir acerca do objeto de estudo da Educação Física escolar na perspectiva crítico-superadora.

CULTURA CORPORAL: uma genealogia

Vimos que o conceito de Cultura Corporal começa a ser usado em meados da década de 1980, num contexto nacional de abertura política e num contexto específico de crítica à esportivização da Educação Física brasileira, sob forte influência de

intercâmbios entre Brasil e Alemanha (ESCOBAR E TAFFAREL, 1987; CASTELLANI FILHO, 1988; SOARES, 1996 e ALMEIDA, 1997). Foi a partir das críticas realizadas por Dieckert (1985) à visão de esporte de alto nível que esse conceito se fez presente. O autor buscava uma Educação Física mais humana dentro da concepção do “Esporte para Todos”, onde fosse discutida e criada uma “nova antropologia” que colocasse como centro da questão “uma cultura corporal própria do povo brasileiro”. Essa cultura própria do nosso povo foi definida pelo autor como: “construções que as pessoas realizam em torno de suas próprias práticas corporais, construídas e reconstruídas em seu país – Capoeira, jogos de diferentes regiões, danças brasileiras – elementos da “cultura corporal que vive no Brasil e no povo brasileiro”.

O Coletivo de Autores (1992, p. 62) tratou o conceito a partir da lógica Materialista-Histórico-Dialética, afirmando que “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade”.

Nessa mesma linha de pensamento, Escobar (1995) situa a disciplina Educação Física na perspectiva Crítico-Superadora, e explicita de forma clara o projeto histórico que defende, um projeto socialista, sendo este voltado para a crítica ao sistema vigente a partir de uma proposição contextualizada e transformadora. Segundo a autora, Cultura Corporal se refere ao “amplo e riquíssimo campo da cultura que abrange a produção de práticas expressivo-comunicativas, essencialmente subjetivas que, como tal, externalizam-se pela expressão corporal” (p. 94).

Dessa forma, o conceito de cultura defendido por Escobar (1995) implica numa apreensão do “processo de transformação do mundo natural a partir dos modos históricos da existência real dos homens nas suas relações na sociedade e com a natureza” (p. 93)

Mais recentemente, Bracht (2003), analisando diferentes concepções do objeto da Educação Física afirma que sua especificidade deverá se relacionar, de forma direta, com a sua função social, nos remetendo às práticas corporais que passam a ser entendidas como formas de comunicação que constroem cultura e é influenciada por ela.

Para o autor as perspectivas da atividade física e do movimento humano estariam levando a Educação Física a perder sua especificidade como disciplina escolar, pois essas não permitem ver o seu objeto como construção social e histórica e sim como elemento natural que se revela de forma inerte.

Em publicação mais recente Bracht (2005), realiza uma reflexão a respeito da seguinte questão: Cultura corporal, cultura de movimento, ou cultura corporal de movimento? O autor afirma que qualquer um desses termos pode embasar uma nova construção do objeto da Educação Física, desde que seja colocado o peso maior sobre o conceito de cultura, necessário para a “desnaturalização” do nosso objeto, refletindo a sua contextualização social e histórica e redefinindo a relação entre Educação Física, natureza e conhecimento.

Ainda assim, Bracht (2005) explicita sua preferência pela expressão “Cultura Corporal de Movimento”, pois a palavra “corporal”, por si só não contempla a especificidade da Educação Física, pois seria uma redundância já que toda cultura é corporal³. Já a expressão “movimento”, sem uma reflexão aprofundada, poderia gerar a idéia de um objeto mecanicista e descontextualizado.

³ Sobre esse aspecto, Taffarel e Escobar (1987) ao abordar a respeito da Cultura Corporal Brasileira, e citando Rubem Alves, afirma que “não existe cultura sem corpo.” As autoras falam sobre o corpo como

Escobar e Taffarel (2009), mais recentemente, vão defender que o objeto de estudo específico da Educação Física é fruto, numa perspectiva marxista, do trabalho humano não-material.

O objeto de estudo da Educação Física é o fenômeno das práticas cuja conexão geral ou primigênia – essência do objeto e o nexos interno das suas propriedades –, determinante do seu conteúdo e estrutura de totalidade, é dada pela materialização em forma de atividades, sejam criativas ou imitativas, das relações múltiplas de experiências ideológicas, políticas, filosóficas e outras, subordinadas a leis histórico-sociais. O geral dessas atividades é que são valorizadas em si mesmas; seu produto não material é inseparável do ato da sua produção e recebe do homem um valor de uso particular por atender aos seus sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonísticos, competitivos e outros relacionados à sua realidade e às suas motivações. Elas se realizam com modelos socialmente elaborados que são portadores de significados ideais do mundo objetal, das suas propriedades, relações e nexos descobertos pela prática social conjunta (p. 173-174)

Para as autoras o conhecimento específico da Educação Física advém, portanto de tal atividade. “No momento damos a essa área de conhecimento que se constrói a partir dessas atividades a denominação de ‘Cultura Corporal’” (ESCOBAR e TAFFAREL, 2009, p. 174). E assim, reafirmam esta, como objeto de estudo da Educação Física escolar. Porém é com base na mesma perspectiva que ponderam acerca da Expressão Corporal como Linguagem.

Vê-se, então, que essas atividades não objetivam a “expressão corporal” de idéias ou sentimentos (ESCOBAR e TAFFAREL, 2009, p. 176).

Em textos ainda mais recentes Taffarel (2009) e Escobar (2009) dão continuidade a tais defesas, reflexões e convocações. Ambas partem combativamente em direção a explicações e construções idealistas na Educação Física.

Idealistas são as visões de mundo que desconsideram as formações econômicas, históricas, na determinação última do ser social, e ignoram que a formação das classes sociais decorrem da forma como os homens produzem suas vidas e que isto é historicamente situado e não foi superado pelo modo do capital organizar a produção dos bens (TAFFAREL, 2009).

Reafirmam a base teórica com a qual elaboram os argumentos de sustentação acerca da especificidade da Educação Física escolar.

sendo o próprio indivíduo e como tal é elemento que constitui o centro da cultura de todo povo, pois é a partir dele que o ser humano exprime a essência de seus costumes e de sua identidade cultural.

Para combater esse idealismo que fragmenta o conhecimento e o desgarrar da realidade fazendo prevalecer o discurso sobre os fatos e a forma sobre o conteúdo é necessário fazer da atividade prática do homem, o trabalho, e das relações objetivas materiais, reais, dos homens com a natureza e com os outros homens a base da construção do conhecimento (ESCOBAR, 2009).

Defendendo o trabalho não-material, como categoria fundante na construção da teoria pedagógica da Educação Física, Escobar (2009) nos traz um exemplo explicativo e Taffarel (2009) nos traz desafios para o enfrentamento atual.

Para explicar “esporte” é fundamental reconhecê-lo como uma atividade corporal historicamente criada e socialmente desenvolvida em torno de uma das expressões da subjetividade do homem, o jogo lúdico, que não pretende resultados materiais. [...]. No jogo praticado pela satisfação de interesses subjetivos – lúdicos – o produto da atividade é o prazer dado pela própria satisfação dos mesmos (ESCOBAR, 2009).

A atualidade é enfrentar os problemas que persistem na educação física e no trato com o conteúdo e as barreiras para sua legitimação no currículo escolar, a saber: a) a persistência do dualismo corpo-mente; b) a banalização do conhecimento da cultura corporal; [...]; g) a falta de uma teoria pedagógica construída como categorias da prática; [...](TAFFAREL, 2009).

Nessa genealogia é possível reconhecer a trajetória da elaboração argumentativa em torno do objeto de estudo específico da Educação Física e assim evidenciarmos seus diversos fundamentos, seus limites e possibilidades.

COLETIVO DE AUTORES: a cultura corporal entre vistas

Passemos então a reconhecer o diálogo com os autores a partir das entrevistas realizadas nessa pesquisa, procurando perceber, entre os diferentes pontos de vista, a compreensão, elaboração e defesa de cada um acerca do conhecimento específico da Educação Física escolar.

Diante da análise realizada a partir das entrevistas dos seis autores, podemos identificar que apenas Elisabeth⁴ não apresentou uma fala sobre cultura corporal. Lino⁵ fez menção a respeito da Cultura Corporal, contudo apenas lança o fato de que já no trabalho do Coletivo de Autores (1992) a Cultura Corporal era entendida como uma dimensão da cultura humana. Diferentemente dos dois autores citados acima, os outros quatro apresentaram suas análises e assim pudemos categorizá-las como aspectos referentes à cultura corporal.

⁴ Entrevista cedida em 26/09/01.

⁵ Entrevista cedida em 02/06/06.

Micheli⁶ inicia sua fala afirmando a importância que o termo e o conceito de cultura corporal tiveram no contexto de seu surgimento. A autora afirma que o Coletivo de Autores (1992) aponta para a cultura corporal, enquanto termo que irá fundamentar o objeto de estudo da Educação Física e que o mesmo foi, provisoriamente, utilizado para denominar uma ampla área da cultura, sendo também na época alvo de inúmeras críticas:

Ao fundamentar como objeto de estudo da disciplina Educação Física as atividades que configuram uma ampla área da cultura, provisoriamente denominada de Cultura Corporal, o Coletivo defendeu a visão histórica que traz a atividade prática do homem, o trabalho e as relações objetivas materiais reais dos homens com a natureza e com outros homens, para o centro do sistema explicativo. Trouxemos a prática do homem para a explicação do que é a Educação Física. Nós imaginamos que a resposta correta seria de que a Educação Física é uma disciplina que se ocupa de uma grande área da cultura que pode ser denominada “Cultura Corporal”. Este nome, Cultura Corporal, levantou muitas críticas no país. Dizia-se que, se havia uma Cultura Corporal, então haveria uma Cultura Intelectual ou Mental. Na realidade aquela crítica não estava bem fundamentada porque estávamos falando da cultura numa outra dimensão. Mas, de qualquer maneira nós podemos dizer que ao longo de todo o livro nós defendíamos uma visão que nos ligava aos interesses da classe trabalhadora. Quer dizer, com essa maneira de abordar a prática de atividades culturais que chamamos de Educação Física, ou às vezes de Esporte, estaríamos instrumentalizando os alunos para uma leitura mais concreta, mais profunda da realidade (MICHELI).

Percebe-se nessa fala a ênfase que a autora atribui ao fato de o Coletivo de Autores (1992) ter, na época, optado politicamente por tratar a cultura corporal numa dimensão histórica, trazendo para o centro da discussão “a prática do homem” ligada aos interesses da classe trabalhadora.

Verificamos sua opção em tratar o produto da cultura corporal enquanto algo inseparável do ato de sua produção, inserido em um contexto em que o ser humano atribui um sentido ou um valor de uso particular e ao mesmo tempo é carregado de um significado atribuído socialmente.

Mais adiante identificamos na fala de Micheli a presença de um elemento que é tomado pela autora como o aspecto fundamental que diferencia a cultura do corpo criada pelo positivismo da cultura corporal enquanto carregada de sentido e significado e historicamente situada num contexto. Esse elemento é justamente a categoria trabalho:

O homem constrói e transforma o mundo a partir do trabalho. A categoria atividade humana, chamada categoria porque é uma explicação do que o homem faz, indica que o homem não

⁶ Entrevista cedida em 07/05/01.

se move, não se mexe a toa, não podemos falar do movimento do homem, da vida do movimento do homem, isto é um equívoco porque o homem não se mexe, ele “age”. É diferente agir do que se mexer. “Atividade” e “movimento” são conceitos diferentes. Quando o homem tem que resolver um problema, ele tem que organizar todo um complexo de atividades para resolvê-lo. As ações que ele realiza, e que podem ser vistas de fora, não podem ser reduzidas à simples repetição de movimentos de flexão, extensão, torção, adução, abdução e outras, porque a atividade humana é um complexo de ação, pensamento e emoção desencadeado por objetivos que não se colocam de fora (MICHELI).

Esse foco na Categoria Atividade Humana mencionado por Micheli se caracteriza enquanto o elemento que deu o sentido mais pleno ao conceito de Cultura Corporal defendido pelo Coletivo de Autores (1992) e que colocou a Educação Física enquanto um disciplina com o objetivo de “tratar, “pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal”. (p.62).

Valter⁷ afirma:

Em 1987 escrevi o ensaio “Educação Física: a busca da autonomia pedagógica”, no qual desenvolvi as idéias de subordinação da Educação Física aos sentidos das práticas corporais ligadas às instituições militares, esportivas e utilizava, pela primeira vez, de forma mais clara, o conceito de cultura corporal (VALTER).

O conceito de cultura corporal foi usado por ele, no final da década de 1980, para apresentar uma discussão acerca da especificidade dos conhecimentos da Educação Física na escola, permitindo o reconhecimento de uma autonomia perante outras instituições externas à escola.

A superação do dualismo moderno estaria na ontologia onde se ressignifica o corpo. Existe uma parte da cultura humana que se caracteriza por uma cultura corporal. Isto é diferenciar para dar conta da realidade. É necessário contextualizar historicamente o conteúdo e a especificidade corporal do conteúdo (VALTER).

Nesse sentido, para o autor, o conceito de cultura torna-se um elemento necessário para a “desnaturalização” da Educação Física, já que contextualiza social e historicamente seu objeto de estudo. O importante é associar a dimensão corporal referente aos conteúdos da Educação Física à cultura de uma forma geral, pois possibilita a superação da redução biologicista e naturalizada de corpo.

Tendo como fundamento uma idéia semelhante, Carmen⁸ aponta o seu entendimento e concordância com o termo cultura corporal a partir do seguinte exemplo:

⁷ Entrevista cedida em 29/11/01.

⁸ Entrevista cedida em 07/12/05.

Não queremos o aluno mais veloz, mais ágil, mais...”. Não, não se trata disso, nós queremos que a partir da cultura corporal, a partir do específico da educação física, o aluno compreenda as relações sociais em que está inserido, conheça práticas corporais e possa não só ser um praticante, mas também um espectador crítico. O conhecimento da educação física escolar para o Metodologia de ensino deveria contribuir para que se modifique, para que se transforme essa compreensão do corpo como um objeto de conhecimento do campo das ciências biológicas, mas sim corpo e gesto como objetos do estudo histórico, sociológico, antropológico, pedagógico e artístico (CARMEN).

Contudo Micheli afirma que a categoria atividade humana deveria ter sido mais explorada e radicalizada na obra do Coletivo de Autores:

No “Coletivo”, a categoria atividade não foi plenamente utilizada nem respeitada. Ao pensar sem a categoria atividade damos lugar a que se pense a “cultura do corpo”. No nosso modo de ver, como já dissemos, essa cultura do corpo não é mais do que uma racionalização formalista da atividade humana dada pelo princípio positivista da soma das partes. Quer dizer, aquele velho entendimento de que você vai somar as áreas afetiva, cognitiva e motora e você vai ter atingido o homem como totalidade. Esse princípio que continua então a ser modelo em algumas orientações na Educação Física, não foi suficientemente criticado por nós (MICHELI).

Com essa afirmação, a autora deixa claro que por conta da não radicalização de forma plena da categoria Atividade, o Coletivo de Autores (1992) deixou uma espécie de lacuna a partir da qual se abriu espaço para o entendimento de atividade enquanto Cultura do Corpo a qual fragmenta a discussão sobre Cultura e reduz às questões referentes ao corpo a uma dimensão meramente biológica, sendo as áreas afetivas e cognitivas encarada como um somatório, perpassando, dessa forma, uma concepção funcionalista.

Com essa compreensão a autora ressalta a importância da inserção do entendimento da Cultura no âmbito de uma produção historicamente construída pela humanidade. Cultura não é algo dado *a priori*, ou algo ligado a um processo “natural”. Não se tem ou não tem Cultura. Esta é construída através do trabalho, sendo encarada dentro de um “processo de transformação do mundo natural a partir dos modos históricos da existência real dos homens nas suas relações na sociedade e com a natureza” (ESCOBAR, 1995, p. 93).

Contudo, mesmo reafirmando a importância do conceito de Cultura, Micheli afirma a necessidade de repensarmos o termo, o objeto “Expressão Corporal como Linguagem”.

Outra consequência foi o entendimento do que seria a Educação Física. Nós afirmamos naquela época que a Educação Física era uma disciplina escolar que tinha como

objeto de estudo a expressão corporal como linguagem. Também considero isso como um grande equívoco. Então quem decorou isto apague-o, por favor, e comece a estudar de novo, porque eu avalio como um erro mesmo (MICHELI).

Mais adiante ela explica melhor essa afirmação na medida em que justifica fato de o “Coletivo” na época buscar um termo que fosse mais próximo do que comumente os professores de Educação Física pudessem entender.

O estudo da Educação Física visa apreender a expressão corporal como linguagem. Não!!! Isto é um erro, um erro. Porque nós estávamos ainda um pouco impregnados da visão vinda do idealismo de Kant e do pensamento alemão sobre as atividades corporais. Também nessa época, década de 90, no movimento mundial que hoje se faz sentir com toda força, havia um incentivo tremendo para que os intelectuais se ligassem à ótica fenomenológica dos fenômenos pedagógicos, especialmente na Educação e na Educação Física (MICHELI).

Comprendemos nessa segunda parte da fala de Micheli o motivo pelo qual ela considerou o termo expressão corporal como um equívoco. Trata-se de uma influência fenomenológica da época. Influência essa que, segundo a autora, gerou como conseqüência a não radicalização do termo Cultura Corporal numa perspectiva que superasse uma visão compartimentalizada do corpo, de mundo e de sujeito. O sujeito que trabalha tomando como referência a Reflexão Pedagógica para a construção de um Projeto Histórico comprometido com a classe trabalhadora, não pode ser um sujeito essencialista, separado de um contexto como algo que tenha uma existência independente e idealizada na dimensão puramente subjetiva.

Esse sujeito é alguém inserido num mundo concreto, presente em suas contradições, suficientemente humano, crítico e reflexivo para transformar a cultura por meio do trabalho. O ser humano para a autora não expressa corporalmente a cultura, ele constrói e transforma essa cultura. A ênfase é colocada na dimensão transformadora, concreta e de produção e não na esfera da reprodução de algo preexistente.

Valter, tomando como referência um texto escrito por Ferreira (1995), e concordando com esse, levanta, entre outras, uma crítica em relação à Expressão Corporal como Linguagem. No entanto, ele não considera um erro, um equívoco e por isso não propõe descartar.

Marcelo Guina Ferreira, em texto de 1995 (p. 216-217), para o qual contribuí como companheiro de discussão e por isso identifiquei no texto algumas análises que eu mesmo faria e faço. Diz o autor: “Outra indagação que comumente se faz a este estudo, é quanto à concepção de ‘expressão corporal enquanto linguagem’, não devidamente desenvolvida pelos autores, o que implica noutra indagação: como, nesta proposta, uma leitura crítica da realidade a partir de reflexos sobre a cultura corporal, seria um aprendizado crítico do movimento capaz de ir além de um ‘discurso crítico’ sobre o mesmo?” (VALTER).

Valter, acatando a necessidade de desenvolver o conceito mais devidamente, deixa evidente o reconhecimento de uma fragilidade: o não aprofundamento acerca de proposições práticas baseadas na cultura corporal e que poderia proporcionar aos alunos uma aprendizagem crítica acerca da realidade. Assim podemos dizer que reconhece que o conceito já avançou ao aproximar-se da linguagem, porém ainda não efetivamente como encaminhamentos pedagógicos e muito menos numa aproximação à semiótica.

Pelo exposto, percebemos que a tentativa de expressar uma pedagogia crítico-superadora resultou no reconhecimento do movimento enquanto “linguagem corpórea”, mas não, ainda, um diálogo efetivo entre uma semiótica e uma pedagogia do movimento, o que tem entravado um encaminhamento pedagógico efetivo do movimento enquanto simbologia (VALTER).

Creemos que o autor aqui aponta uma diferença em relação ao pensamento de Micheli, reivindicando a possibilidade de uma reflexão pela semiótica. Mas, o ponto de maior diferença não é esse, pois seria possível uma leitura crítica da semiótica, por exemplo, por via das teorias de Vygotsky. A distinção mais evidente é uma aproximação de Valter à Pedagogia do Movimento, que Micheli vai considerar como uma teorização fenomenológica. Aliás, o próprio Valter faz uma crítica à perspectiva do Movimento Humano como objeto da Educação Física e que nos remeteria a tal pedagogia.

Acreditamos que o estudo da linguagem, seja pela leitura semiótica⁹ ou não, se faz necessário na Educação Física brasileira, tanto por que o Coletivo de Autores (1992) levanta essa demanda, como por que a atual legislação localiza essa na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

A linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes [...] A linguagem é um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para a expressão de idéias, valores e sentimentos. Ela implica, portanto, uma totalidade estruturada, com princípios e leis próprios a qual pode ser conhecida, exprimindo objetos que indicam, designam ou representam outros. A linguagem possui três funções: 1- denotativa, indicando, apontando para as coisas; 2- comunicativa, estabelecendo relação entre as coisas e; 3- conotativa, exprimindo sentidos ou significados diferentes em relação a pensamentos, sentimentos, valores etc. (CHAUÍ, 1995, p. 137; 141).

⁹ Mauro Betti tem construído argumentações em torno da Educação Física numa leitura semiótica, porém numa perspectiva fenomenológica. BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física.

Discorpo, São Paulo, n.3, p. 25-45, 1994; BETTI, Mauro. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. In **Revista da Educação Física/UEM** Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2. sem. 2007, p. 209-217; GOMES-DA-SILVA, E.; SANT'AGOSTINO, L.H. F.; BETTI, M. Expressão corporal e linguagem na Educação Física: uma perspectiva semiótica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.4, p. 29 -38, 2005.

A linguagem pode e deve ser compreendida também por uma leitura Materialista-Histórico-Dialética. Essa constitui unidade inseparável entre atividade material e não-material¹⁰.

Ainda sobre essa questão da Expressão Corporal como Linguagem, Celi¹¹ afirma a necessidade de se melhorar essa compreensão, contudo, é menos enfática em sua crítica:

No Coletivo, em decorrência da própria legislação vigente localizamos como objeto de estudo a expressão corporal como linguagem. Atualmente precisamos melhorar esta compreensão destacando que o objeto de estudo da educação física é a cultura corporal – jogos, esportes, dança, ginástica, lutas e outros (CELI).

Celi vai defender o mesmo ponto de vista de Micheli, em relação à importância do termo trabalho e ao fato do ser humano produzir e, ao mesmo tempo, usufruir da cultura:

Outra crítica é que nós estaríamos com uma visão culturalista, o que também não corresponde ao que defendemos. Não separamos a base material da existência, o processo de desenvolvimento humano da construção da cultura. Não separamos a superestrutura da infra-estrutura da sociedade. O homem não nasceu praticando esporte, e muito menos relacionado esporte com saúde, mas, adquiriu, pelo trabalho, pelas atividades, as condições de produzir e reproduzir seu modo de vida onde as relações esporte e saúde foram se consolidando. Esta construção passa pelas relações do homem com a natureza e com os outros homens na manutenção da vida humana. Aí se constrói a cultura corporal – jogos, esportes, dança, ginástica, lutas e outras formas que tratamos pedagogicamente na escola (CELI).

Contrariamente a Micheli, a Valter e a Celi, Carmen não levanta críticas e defende o termo Expressão Corporal como Linguagem como impecável:

E é nesse livro que vamos afirmar que a educação física escolar trabalha com a “expressão corporal como linguagem”, e essa definição é impecável, porque pensar a expressão corporal como linguagem permite pensar nas tantas linguagens que existem: o esporte, o jogo, a dança, a capoeira, a luta. A educação física trata da expressão corporal como linguagem e isso ajuda muito na elaboração de um planejamento de ensino, porque aí sim, aí eu vou esquecer das perfumarias e vou de fato trabalhar com as grandes estruturas e com aquilo

¹⁰ Sugerimos consultar Bottomore (1997).

¹¹ Entrevista cedida em 27/09/02.

que constitui mesmo o saber da área e aí eu vou compreender que metodologia não existe sem conhecimento (CARMEN).

Diante de tudo o que foi colocado e longe da pretensão de esgotar a discussão a respeito da cultura corporal, buscamos compreendê-la a partir das visões de vários autores os quais a escreveram e reescreveram em diferentes momentos históricos.

O fato é que chegamos à atualidade ainda com sérios dilemas acerca de qual é o conhecimento específico da Educação Física na escola. No entanto

...reconhecemos a Educação Física como uma prática pedagógica que possibilita sintetizar e sistematizar representações do mundo no que concerne à produção histórica e social de algumas das dimensões, elaborações, manifestações da cultura humana, em contextos específicos, tais como exemplo: jogos, esportes, ginásticas, lutas e danças. Dispondo de sua intencionalidade, o ser humano, em interação com os outros e com a natureza, produz, expressa e incorpora essa cultura em forma de signos, idéias, conceitos e ações nas quais interpenetram dialeticamente as intenções dos próprios homens e a realidade social (COLETIVO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL DO RECIFE, 2005, p. 223).

Certamente nossos dilemas não são mais uma discussão teórica que reivindica o estatuto científico da área ou mesmo filigranas de discursos idealistas. Atualmente esses estão imbuídos pela necessidade de reconhecer os fundamentos, os limites e as possibilidades de cada explicação/construção acerca da Educação Física escolar, que se pautem na perspectiva crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos o objeto de estudo específico da Educação Física escolar, na perspectiva Crítico-Superadora, é compreendido e defendido pelos seus seis autores de forma diferente. Em alguns pontos encontram aproximações e em outros distanciamentos. Na época da elaboração do livro, as diferenças foram minimizadas, na intenção de potencializar a unidade coletiva em torno de uma nova proposição para o ensino da Educação Física na escola. O que os unia foi muito mais valorizado do que os afastavam. O que não significa dizer que as reflexões e decisões tenham sido sempre consensuais ou sem disputas de argumentos e até de posições pessoais.

Aqui, em nossa reflexão acerca da Cultura Corporal e da Expressão Corporal como Linguagem, não nos cabe incentivar uma aproximação e tão pouco acirrar um distanciamento.

Nosso papel foi apresentar os fundamentos, os limites e as possibilidades da elaboração do Coletivo e de cada um de seus sujeitos, sob a influência de diferentes momentos históricos e distintos pontos de vista.

Creemos que atingir a maioria traz também um ar de serenidade e solidez onde as obrigações e responsabilidades passam a se dar num sentido pessoal de compromisso e vontade de responder às demandas de uma área e num significado social de um engajamento político e acadêmico.

Acreditamos e defendemos que a Cultura Corporal se configura dimensão constituinte da produção cultural humana, condicionada histórica e socialmente. De fato concordamos com certa redundância no termo, mas defendemos sua permanência como estratégia demarcatória para a confirmação da dimensão corporal humana na cultura.

Pensamos que o grande mérito da obra em apreço e do posicionamento de cada um de seus autores, no decorrer da história da Educação Física Crítico-Superadora, é a elucidação da dimensão cultural do corpo e do corpo na cultura e mais, particularmente, no reconhecimento da atividade humana que produz tal dimensão e, ao mesmo tempo em que produz a si mesmo, é produzido por ela.

Em se tratando da Expressão Corporal como Linguagem, continuamos a acreditar, fundamentar, argumentar e defender essa como objeto de estudo específico da Educação Física na escola. É esta que traz os sentidos e significados em tratar os diferentes temas da Cultura Corporal.

Nos jogos, esportes, lutas, ginásticas, danças... o homem também se constitui homem e constrói sua realidade pessoal e social. O homem que joga se torna sujeito jogador e objeto jogado. Ainda que no ato da vivência o homem não tenha a intenção de externalizar a compreensão humana, ele, por ser sujeito de ações condicionadas e/ou determinadas socialmente, termina por expressar algo pela linguagem.

No entanto, a linguagem não é só forma/conteúdo de externalização, ela também é de internalização. A linguagem não é apenas comunicação, também é denotação e conotação. A linguagem é ainda estruturação e interação de sujeitos, pois constitui o pensamento humano e estabelece relações entre os homens. Cremos que a Educação Física Crítico-Superadora prescinde, para aprofundar ainda mais sua reflexão sobre seu objeto de estudo específico, de uma discussão acerca da linguagem sob um olhar marxiano, e por que não dizer marxista?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, David de. *Análise da proposta metodológica para a educação física escolar formulada por Coletivo de Autores*. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1997.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa : Edições 70, 1988.
- BOTTOMORE, Tom (org.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro : Zahar, 1997.
- BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. *Revista da Educação Física – UEM*. v. 0, n. 1, p. 28-34, 1989.
- BRACHT, Valter. A Prática Pedagógica da Educação Física: conhecimento e especificidade. In: Valter Bracht. *Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. 2ª Edição. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- BRACHT, Valter. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, Marcílio. *Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica*. Recife : EDUPE, 2005.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Diretrizes gerais para o ensino de 2º grau: núcleo comum - educação física*. Projeto SESG/MEC - PUC/SP, 1988. (mimeo).
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo : Ática, 1995.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- COLETIVO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL DO RECIFE. *Educação Física: uma proposta pedagógica*.

- In Souza Júnior, Marcílio (org.) et al. *Educação Física escolar*: Teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife : EDUPE, 2005, p. 217-231.
- DIECKERT, Jürgen et al. A Educação Física no Brasil – A Educação Física Brasileira. In: Jürgen Dieckert et al. *Elementos e Princípios da Educação Física*. Uma Antologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- ESCOBAR, Micheli Ortega. Cultura Corporal na escola: tarefas da Educação Física. In: *Motrivivência*, Florianópolis, ano VII, nº 08, Dezembro, 1995.
- ESCOBAR, Micheli Ortega e TAFFAREL, Celi Zulke. A cultura corporal. In HERMIDA, Jorge Fernando (org.). *Educação Física: conhecimento e saber escolar*. João Pessoa : EDUFPB, 2009, p. 173-180.
- ESCOBAR, Micheli Ortega. *Crítica a perspectiva da promoção da saúde e da aptidão física*. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/germinal/n6-032009.htm#dois>>. Acesso em: 10 Abril 2009.
- FERREIRA, Marcelo Guina. Teoria da Educação Física: bases epistemológicas e propostas pedagógicas. In: BRACHT, Valter; FERREIRA NETO, Amarílio; GOELLNER, Silvana. *Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1995, p. 193-224.
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação*: abordagens qualitativas. São Paulo : EPU, 1986.
- PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. *Contribuição ao debate do currículo em Educação Física: uma proposta para a escola pública*. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco. Recife : SEE-PE, 1989.
- SOARES, Carmem. Lúcia. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*. Supl. n. 2, p. 6-12, 1996.
- TAFFAREL, Celi Nelza Zulke e ESCOBAR, Micheli O. *Metodologia Esportiva e Psicomotricidade*. Recife: Gráfica, 1987.
- TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. *Crítica às proposições pedagógicas da educação física*. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/germinal/n6-032009.htm#um>>. Acesso em: 10 Abril 2009.

Endereço para correspondência

Marcílio Souza Júnior
Rua Silvino Lopes, 125/804
Casa Forte, Recife/PE
CEP: 52.061-490.
m.souzajr@uol.com.br

Recurso tecnológico necessário: datashow e computador

Marcílio Souza Júnior - Doutor em Educação UFPE
Roberta Granville - Mestre em Educação UFPE
Ana Rita Lorenzini - Especialista em Educação Psicomotora Universidade Caxias do Sul
Gina Guimarães - Mestre em Educação UFPE
Hilda Sayone - Mestre em Educação UFPE
Rita Cláudia Ferreira - Mestre em Educação UFPE
Eliene Lacerda Pereira - Mestranda em Educação Física UPE/UFPB
Deise França - Mestre em Educação UFPE
Marcelo Tavares - Doutor em Educação UFPE

Rosângela Cely Lindoso - Mestranda em Educação UFPE
Fábio Cunha de Sousa - Mestrando em Educação Física UPE/UFPB

Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte (ETHNÓS)
Laboratório de Estudos Pedagógicos (LAPED)
Escola Superior de Educação Física (ESEF)
Universidade de Pernambuco (UPE)